



O ABISMO DA SUPERFÍCIE

Dante do potencial dinâmico da superfície, como olhar para o abismo que não tem começo nem fim? Esta exposição coletiva concentra-se em uma seleção de artistas contemporâneos que apontam para algumas possíveis respostas com uma variedade de materiais, processos e técnicas.

O imperceptível ganha protagonismo nos *hipercloses* das telas de Nina Horikawa: uma mão que afaga um bicho, uma pia com restos de pelos e o recorte de um peito reservam a pergunta sobre o que acontece em cada uma das cenas, para onde rebentam, qual a narrativa que as aguardam. Há ainda um envolvimento tático junto a manchas abstratas que variam nos tons e que parece impelir o público à intimidade nas suas complexidades e nuances.

As esculturas em cerâmica de Fernanda Pompermayer endereçam a outro tipo de calor, voltado mais à queima e resfriamento, onde a erupção e a erosão das superfícies se dobram para fazer nascer fissuras e assim redefinir a materialidade. Por meio de colagens, seu vocabulário simbólico joga com o acaso e composição e faz proveito de cacos, retalhos de tecidos, pedras, miçangas e diversos esmaltes que cintilam e sugerem que ora vão derreter, ora cristalizar.

O encontro da transparência e opacidade nas aquarelas e grafite de Emanuel Monteiro nos direciona a buscar por trás das imagens que se mostram, as imagens que se ocultam. Ao reforçar que o mergulho é em profundidade, sua grade e papel irrompe a superfície branca que, devido à sua natureza absorvente, aponta para a ilusão e não mais para a planura.

A série Sedimentos de Rafaela Foz apresenta um mosaico que dissolve a massa do rochedo em uma multiplicidade de pontos focais, em que a brutalidade é ampliada e fracionada em incontáveis porções a caber entre os dedos. A presença maiúscula e fria da pedra se converte em impressão trêmula da superfície cujo efeito de granulação vibra constantemente.

A cada encontro com cada obra aqui reunida, gesto e fatura, dissimetria e objetividade, croma e contraste, figuração e abstração interrompem a vertigem diante dos planos nos convidando a um salto na verticalidade da superfície, que se supõe insondável.

Ane Valls
Curadora da mostra
Profa Dra em História Teoria e Crítica